



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA DIVINÓPOLIS

MAYARA DOS SANTOS FARIA
MIKAELLA STHÉFANY PEREIRA SANTOS
REYSLA FONSECA DA CRUZ

O OLHAR QUE ENSINA:
Importância da afetividade na aprendizagem das crianças com Transtorno do
Espectro Autista na pré-escola

DIVINÓPOLIS
2021

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA DIVINÓPOLIS

**MAYARA DOS SANTOS FARIA
MIKAELLA STHÉFANY PEREIRA SANTOS
REYSLA FONSECA DA CRUZ**

**O OLHAR QUE ENSINA:
Importância da afetividade na aprendizagem das crianças com Transtorno do
Espectro Autista na pré-escola**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia do
Centro Universitário Una Divinópolis, como
requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciado (a) em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Márcio Antônio da
Silva

**DIVINÓPOLIS
2021**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA DIVINÓPOLIS
CURSO DE PEDAGOGIA**

MAYARA DOS SANTOS FARIA
MIKAELLA STHÉFANY PEREIRA SANTOS
REYSLA FONSECA DA CRUZ

**O OLHAR QUE ENSINA:
Importância da afetividade na aprendizagem das crianças com Transtorno do
Espectro Autista na pré-escola**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador Me. Márcio Antônio da Silva

Prof.^a Avaliadora Especialista Geralda Pinto Ferreira

Prof.^a Avaliadora Dra. Viviane Bernadeth Gandra Brandão

Aprovado em ____/____/____

O OLHAR QUE ENSINA: Importância da afetividade na aprendizagem das crianças com Transtorno do Espectro Autista na pré-escola

Mayara dos Santos Faria ¹

Mikaella Sthéfany Pereira Santos ²

Reysla Fonseca da Cruz ³

Márcio Antônio da Silva ⁴

RESUMO

O artigo surgiu da necessidade de investigar como a relação de afetividade entre professor e aluno, influencia no processo de aprendizagem especificando na criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na pré-escola. O objetivo é evidenciar por meio de estudos teóricos, a importância do vínculo afetivo entre o professor e a criança com TEA, realizando pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo utilizando autores renomados como Lev Vygotsky, Henri Wallon, Jean Piaget, Eugênio Cunha e a Declaração de Salamanca da UNESCO, entre outros grandes pesquisadores que se aprofundaram sobre o tema. Algo de grande relevância que possui no artigo está relacionado ao professor voltar o olhar perante a crianças com TEA, pois quando o professor conhece melhor seu aluno consegue-se fortalecer as habilidades de aprendizado. A interação é o que proporciona na criança a vontade de aprender. A criança se interessa pelas descobertas e pela exploração dos meios, indo de encontro aos objetivos de aprendizagem. O professor acende a fagulha do ensino e se motiva através de sua criança. A cada passo juntos, uma nova conquista é alcançada. Diante disso, essa pesquisa pretende ampliar os conhecimentos acerca do TEA. Com ela, será possível conhecer o autismo e compreender a importância das relações afetivas na aprendizagem na pré-escola. O conhecimento é o primeiro passo para vencer o preconceito.

Palavras-chave: Autismo, afetividade, Transtorno do Espectro Autista

ABSTRACT

The article arose from the need to investigate how the relationship of affection between teacher and student, influences the learning process specifying in children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in preschool. The objective is to highlight, through theoretical studies, the importance of the affective bond between the teacher and the child with ASD, conducting qualitative bibliographic research using renowned authors such as Lev Vygotsky, Henri Wallon, Jean Piaget, Eugênio Cunha and the UNESCO Salamanca Declaration, among other great researchers who have deepened their knowledge. About the subject. Something of great relevance in the article is related to the teacher looking back at children with ASD, because when the teacher knows his student better, he can strengthen his learning skills. Interaction is what gives the child the will to learn. The child is interested in the discoveries and the exploration of the means, meeting the learning objectives. The teacher ignites the spark of teaching and is motivated by his child. With each step together, a new achievement is achieved. Therefore, this research intends to expand the knowledge about TEA. With it, it will be possible to learn about autism and understand the importance of affective relationships in preschool learning. Knowledge is the first step in overcoming prejudice.

Keywords: Autism, affectivity, Autistic Spectrum Disorder

¹ Graduanda em Pedagogia pelo Centro Universitário Una. E-mail: santosmayaratarzofaria@gmail.com

² Graduanda em Pedagogia pelo Centro Universitário Una. E-mail: mikaellasthefany@gmail.com

³ Graduanda em Pedagogia pelo Centro Universitário Una. E-mail: reyslafonseca07@gmail.com

⁴ Mestre em Educação e Orientador do Centro Universitário Una. E-mail: marcio.antonio@prof.una.br

1 INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista TEA é um distúrbio global do desenvolvimento cuja áreas afetadas são a linguagem, a cognição e a interação social, existindo grau e podendo esse transtorno estar ou não associado a outra deficiência. Segundo o Centro de Controle de Doenças e Prevenção do governo dos EUA (CDC, 2020), uma a cada cinquenta e quatro crianças que nascerem no mundo será diagnosticada com o transtorno. O TEA não tem classe e nem etnia. Os estudos do CDC mostram, pela primeira vez, uma hegemonia quase idêntica em crianças negras e brancas.

O TEA vem sendo abordado de forma mais presente na atualidade. Estudos e pesquisas sobre o tema têm ganhado espaço devido ao aumento de casos diagnosticados. A sociedade possui mais conhecimento advindo sobre o tema, contudo, a inclusão ainda é um desafio, visto que a insciência e o preconceito são os maiores obstáculos para a sociedade.

Uma das áreas mais comprometidas pelo TEA é a interação social, em que a criança tende a se isolar do mundo exterior e pode apresentar resistência ao toque. Entretanto, tal ação não sugere que o autista não possui afetividade. Têm-se a vista que o afeto está contido em muitas outras emoções e não apenas aos efeitos do toque.

Por meio de análises de estudos da afetividade no TEA, este artigo pretende evidenciar a importância do vínculo afetivo durante os processos de ensino da pré-escola. Consolidando os sentimentos de respeito, empatia, valorização e reconhecimento. Assim, oportunizando a autonomia e estimulando a confiança da criança com TEA e seu professor. A educação é assegurada pela legislação às crianças com deficiência. De acordo com o Currículo Referência de Minas Gerais (2018), é dever do professor e da entidade de ensino garantir o cumprimento do direito à aprendizagem. Logo, a educação inclusiva busca garantir mesmas oportunidades de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se na educação infantil.

Referente ao fato, o artigo tem como proposta salientar a relevância do vínculo afetivo para o desenvolvimento das crianças autistas preparando as intervenções escolares para que estejam interligadas com a afetividade, proporcionando aos alunos um tratamento adequado visando uma melhora no desenvolvimento.

Essa pesquisa tem caráter descritivo quanti-qualitativo e visa analisar estudos previamente publicados sobre a afetividade e sua influência na aprendizagem da criança com TEA. Tal metodologia busca relacionar as variáveis do tema proposto com intuito de

validar os argumentos da investigação, explorada a priori.

No encalço de compreender melhor a importância da afetividade no TEA, referimos no decorrer desse texto colocações de teóricos da educação, como Lev Vygotsky, Henri Wallon, Jean Piaget, Eugênio Cunha e a Declaração de Salamanca da UNESCO, que ressaltam em seus estudos a importante relação entre afeto e a cognição. Concerne-se o papel das emoções essencial na evolução do ser humano. “A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. (FONSECA, 2002, p. 32).” Dessa forma, estabeleceu-se um diálogo reflexivo entre as teorias estudadas e as práticas escolares presentes nas escolas regulares. Assim, buscou-se esclarecer sobre como as práticas inclusivas e afetivas do professor influenciam diretamente no desenvolvimento integral da criança com TEA.

O trabalho objetiva-se em responder à pergunta “Qual importância da afetividade para o processo de ensino e aprendizagem das crianças com Transtorno do Espectro Autista na pré-escola?”. Elenca-se as contribuições assertivas do vínculo afetivo entre professor e sua criança com TEA.

Inicialmente, estudou-se o surgimento do autismo e suas causas seguindo o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM - V). Aprofundou-se nos indicadores que permeiam o diagnóstico e as intervenções para que a criança com TEA receba todos os incentivos necessários, viabilizando a compreensão acerca do tema.

Ressalta-se a relevância da educação inclusiva como um processo social. A criança com deficiência e/ou transtorno tem seu direito ao ensino regular preservado na legislação. Por meio da inclusão a criança com TEA se desenvolve intelectualmente e afetivamente tendo o seu tempo de aprendizagem e seu direito a uma metodologia específica respeitado. A convivência compartilhada entre as crianças neuroatípicas e neurotípicas é de grande influência para que elas aprendam a conviver com diferenças e diversidades.

Destarte, justifica-se essa pesquisa devido a crescente inclusão escolar e a falta de preparo profissional na acolhida das crianças com autismo. Sendo assim, discute-se a inclusão com respeito e afeto. É necessário ressignificar o olhar do professor, para fortalecer as habilidades da criança com TEA na pré-escola. Conhecer-la integralmente e compreender como se concretiza as etapas do desenvolvimento desta criança. Vê-la como um ser que aprende constantemente.

2 UM RELATO SOBRE AUTISMO

O autismo foi investigado pela primeira vez com Leo Kanner em 1943. O autor escreveu um artigo intitulado “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”. A pesquisa descreveu comportamentos e ações de onze crianças que possibilitaram que Kanner classificasse os sintomas em grupos e aplicasse os resultados para obter um novo transtorno de desenvolvimento. A abordagem descrita por ele previa que o autismo poderia ser secundário à uma alteração familiar que afetaria diretamente o desenvolvimento intelectual e afetivo da criança. Apesar disso, Kanner (1943) evidencia que os fatores biológicos poderiam estar envolvidos na coexistência do autismo.

De acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM V, 2014), o TEA é caracterizado por um distúrbio do neurodesenvolvimento que afeta as áreas cognitivas, de comunicação, interação social e de padrões de comportamentos restritos e repetitivos, podendo ou não estar associado à outra condição, como a deficiência intelectual. As causas do autismo ainda não são definidas, porém, estima-se que predominantemente são genéticas e fisiológicas, podendo estar ligadas também aos fatores ambientais.

Concomitantemente, o DSM – V (2014) destaca que os sinais de autismo podem tornar-se mais evidentes entre o segundo e terceiro ano de vida da criança, embora haja casos perceptíveis dentro do primeiro ano de idade. A principal característica nessa fase se dá na ausência ou atraso da linguagem e na dificuldade de interação com os pares e pessoas do meio de convívio. Esses sinais podem ser percebidos pela família, cuidadores e na pré-escola, quando a criança já está inserida na educação infantil.

Verifica-se a necessidade de que o diagnóstico e as intervenções sejam realizados o mais cedo possível, para que a criança receba todos os incentivos necessários da primeira infância e tenha uma melhor qualidade de vida. O TEA é diagnosticado a partir de uma série de testes que envolvem anamnese, exames e entrevistas que são realizados por equipe escolar, neurologista e/ou neuropediatra, psicólogo ou psiquiatra com especialização em autismo. Os procedimentos são realizados de acordo com critérios da DSM-V (2014).

Nesta instância, Lord e Rutter (2002, p. 569-93 *apud* BOSA, 2006, p. 47-53.) salientam que a eficácia do tratamento vai ao encontro com a experiência dos profissionais envolvidos nos métodos de intervenção da criança com TEA, assim como é de total importância que a equipe multidisciplinar e a família saibam trabalhar em união e

sincronia para o bem estar da criança. Dito isso, os autores trazem especificações básicas para as intervenções do TEA:

- 1)estimular o desenvolvimento social e comunicativo
- 2)aprimorar o aprendizado e a capacidade de solucionar problemas.
- 3)diminuir comportamentos que interferem com o aprendizado e com o acesso às oportunidades de experiências do cotidiano; e
- 4)ajudar as famílias a lidarem com o autismo (LORD, RUTTER, 2002. p. 569-93)

De acordo com o supracitado, percebe-se a importância de um trabalho conjunto e contínuo. A integração de todos os profissionais envolvidos, associada a educação inclusiva, é um meio efetivo para o desenvolvimento da criança com TEA, atendendo todos os campos de suas necessidades.

2.1 Contexto atual: Matrículas

Há um crescente percentual de matrículas em escolas regulares de crianças com necessidades especiais. De acordo com os dados coletados pelo Censo da Educação Básica e Escolar, em 2016 estavam matriculadas em todas etapas de ensino 971.372 alunos, entre crianças, adolescentes, jovens e adultos. Em 2020, esse número subiu para 1.308.900 que demonstra, uma curva crescente de matrículas que proporcionam a inclusão dos alunos com deficiência e/ou transtorno.

Na educação profissional a pesquisa revela que entre os anos de 2016 à 2020 obteve-se um aumento de aproximadamente 214%. Os números são uma amostra das conquistas da inclusão no âmbito profissional. Entretanto, não se pode encobrir que ainda é um número relativamente pequeno, comparado a quantidade de matrículas na educação básica de ensino.

As escolas regulares têm se dedicado a receber com mais qualidade as crianças de inclusão, mesmo que ainda necessite de melhorias o início para uma escola inclusiva está sendo ofertado. Entre os anos de 2016 à 2020 de acordo com o site do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), o número de matrículas de crianças em todas as faixas etárias, aumentou aproximadamente 25,6%. Na educação infantil o crescimento foi de aproximadamente 37%, contudo, constata-se que a inserção de políticas públicas voltadas para a inclusão tem demonstrado um progresso gradual e positivo. Essa educação que abarca a todos favorece a aprendizagem continuada no itinerário escolar.

2.2 Autismo na pré-escola

Desde 1994, o autismo foi incluído nas esferas educacionais com a Política Nacional de Educação Especial, o que proporcionou ao âmbito educacional, reflexões e debates em torno de uma inclusão efetiva, desse modo, muitos paradigmas estão se quebrando e conquistas estão sendo alcançadas. A Lei nº 12.796, de 04 de abril de 2013, cita em seu artigo 60º, parágrafo único a amplificação relacionada ao atendimento de pessoas especiais.

O poder público adotará como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo. (BRASIL, 2013, s/p.)

É direito da criança ter acesso ao ensino regular gratuito, assim como é dever da família matricular as crianças nesse formato de ensino, sendo assim, cabe a escola oferecer o apoio e suporte necessário para inserção adequada no ambiente escolar. A criança com deficiência e/ou transtorno está respaldada pela Constituição Federal tendo seu direito ao ensino regular preservado na legislação. A Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 dispõem em seu artigo 27º:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação. (BRASIL, 2015, s/p.)

Ao considerar escolas inclusivas, pretende-se que essas instituições tenham em vista à superação de obstáculos, permitindo uma melhoria contínua na educação. Para tanto, faz-se necessário a construção de políticas que se comprometam em incluir e construir ações para as práxis inclusivas.

Provindo desse pensamento, a inclusão é uma mudança que envolve toda sociedade. Na pré-escola, amplia-se o convívio social da criança com TEA, nesse ambiente ela deve se desenvolver intelectualmente e afetivamente, tendo o seu tempo de aprendizagem e seu direito a uma metodologia específica respeitado.

Para Bosa (2006), promover a interação de pares das crianças neurotípicas e

neuroatípicas, estimula as capacidades interativas e comunicativas. O processo de aprendizagem é construído por trocas sociais, sendo assim, fica explícito que mesmo diante de dificuldades de compreensão entre essas crianças, há uma produção de interação que permite o aprendizado.

Presume-se que a convivência compartilhada na escola além de benéfica para as crianças com TEA, seja de grande influência para que as crianças neurotípicas aprendam a conviver com diferenças e diversidades, cada criança é única e possui sua própria identidade, mas, por meio da interação social ela constrói sua história.

A declaração de Salamanca advindo da Unesco em 1994 propõe que, o sistema escolar forneça educação de alta qualidade para que todas as crianças possam aprender de forma igualitária e diversificada nas escolas regulares ao longo do processo educacional; o documento foi elaborado na Conferência Mundial sobre Educação Especial de 1994; baseado na proposta, a inclusão ganhou espaço de discussão e reflexão, intencionando a contribuição para acessibilidade das pessoas com deficiência. O documento discute as obrigatoriedades da educação inclusiva ressaltando que:

Aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades, escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas provêm uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional. (UNESCO, 1994, p. 1)

Baseado no supracitado acima compreende-se que, o documento estabelece um conjunto de diretrizes para que as práticas inclusivas sejam efetivadas na escola. A proposta defende que todos tenham acesso a aprendizagem de qualidade, e que essa tenha enfoque central na criança que aprende, a vista disso, o projeto pedagógico prevê que a escola ofereça condições igualitárias, independente das origens e dificuldades de seus alunos. Ainda baseado na Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), o princípio da educação inclusiva deve ser superar as diferenças apresentadas pelas crianças, oportunizando que elas aprendam juntas. O convívio com a diversidade é indissociável para eficácia da construção da solidariedade entre os pares.

A educação é um processo social de desenvolvimento, portanto, as crianças quando inseridas no meio social agem de acordo com a sociedade tendo a escola um grande papel formador de virtudes, compreensão e empatia. A inclusão deve ser exercida

na pré-escola, uma vez que, as crianças com deficiência sofrem com a exclusão social desde sua infância. Como reflexo dessa realidade, percebe-se que ainda existem escolas que se negam a matricular crianças que apresentam diagnósticos, e mesmo aquelas que já frequentam o ensino regular enfrentam grandes barreiras diárias. (AMARAL, 1998).

Evidencia-se que, a educação que se almeja hoje dentro da escola é a educação inclusiva, essa se difere da educação especial que se caracteriza por ser uma modalidade de ensino conforme pautado no Decreto nº 10.502, de 30 de setembro de 2020, que visa que as crianças deficientes estejam preferencialmente no ensino regular, porém não torna isso uma obrigatoriedade e sim uma opção. Em contra partida, a Declaração de Salamanca (UNESCO,1994) defende que, o direcionamento das crianças para as escolas especiais ocorra somente em algumas exceções, isto é, em casos que a escola regular não supra todas as necessidades educacionais da criança e/ou quando essa apresentar perigo para ela mesma ou as demais, visto que algumas crianças com TEA podem não se adaptar a inclusão em uma escolar regular, nesse caso, essas precisam frequentar escolas especiais, onde terão mais avanços e possibilidades com acompanhamento específico. Todavia, no ensino regular com apoio necessário as crianças tendem a se adequar pedagogicamente mesmo enfrentando dificuldades de socialização.

Por conseguinte, busca-se trabalhar incluindo todas as crianças dentro do ambiente escolar respeitando “tanto as diferenças quanto a dignidade de todos os seres humanos” (UNESCO, 1994). Pretende-se quebrar o paradigma que vê nas crianças com deficiências apenas impedimentos de aprendizagem e não suas potencialidades.

Ao ingressar na escola o professor, tem como objetivo desenvolver as competências presentes no Plano de Desenvolvimento Individual da criança (PDI), esse PDI. O PDI é uma grande ferramenta que orienta toda a ação pedagógica, salientando o estado real da criança e o que deseja que ela alcance, permitindo que o professor avalie todos os aspectos necessários para que o plano de ação seja efetivado, este deve ser construído pela equipe pedagógica concomitantemente à anamnese da criança.

Torna-se indispensável que a família, escola e a equipe multidisciplinar trabalhem juntas para inclusão efetiva da criança em todos os âmbitos de sua vida. Para que os objetivos referidos no PDI sejam alcançados, é essencial que o ensino vise superar a diversidade presente na sala de aula. Seguindo essa abordagem Cunha (2010, p. 100) evidencia que não existe educação sem o pensar na individualidade da criança e na sua construção social. Vygotsky afirma que: “O desenvolvimento pessoal seria operado em dois níveis: o do desenvolvimento real ou efetivo [...] referente às conquistas realizadas e o

desenvolvimento potencial ou proximal relacionado às capacidades a serem construídas (1934, p. 120)". Logo o documento acompanha a criança em toda a sua trajetória escolar, estando assegurado pela Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146 de 2015, garantindo a acessibilidade e a equidade.

Tal como evidenciado por Sassaki (1999), quando a inclusão começa a ser pautada na sociedade como uma forma de superação à exclusão, inicia-se um processo de consolidação para uma convivência inclusiva, respeitosa e diversificada. Para que a inclusão da criança com TEA ocorra, deve-se priorizar o desenvolvimento das habilidades, aprendizagens e vencer as dificuldades. Devido à resistência da criança com TEA em sair de sua rotina, a escola regular precisa criar métodos de acomodação e desenvolvimento dessas crianças. Cunha (2013, p.15) avalia que: "O autista aprende. [...] A aprendizagem é característica de todos seres humanos. [...] o ensino e a aprendizagem são uma constante construção dialógica que acerca a humanidade." Posto isto, pensar afetivamente é a principal maneira de seguir esse itinerário na aprendizagem.

Ao adentrar na escola, o autista pode encontrar muitas dificuldades, um deles está relacionando aos primeiros contatos com o professor ou colegas de turma, é possível que o mesmo apresente desinteresse, agressividade e resistência, essas intercorrências se tornam partes de toda a rotina escolar. É preciso muito cuidado para saber como lidar nessas situações, isso porque, as influências do meio têm um impacto crucial sobre a vida psicológica da criança.

A criança com TEA tende a não relacionar as partes com o todo; na inclusão essa característica requer cuidados reforçadores persistentes entre estímulo, respostas e consequências, por meio desses reforçadores positivos, a criança estabelece comportamentos de autocuidado, vínculo afetivo e novos interesses. Compete ao professor, desenvolver métodos que suavize e conduza temáticas pertinentes para melhorar o desempenho da criança; para alcançar bons resultados esse terá que analisar a subjetividade e potencialidade da criança com TEA.

Logo, faz-se necessário trabalhar as atividades lúdicas para que proporcionem o desenvolvimento social, cognitivo, psicomotor e afetivo da criança. É essa ludicidade que promove o prazer nas aprendizagens pedagógicas e em tarefas do cotidiano.

2.3 Afetividade

A afetividade pode ser determinada em diferentes maneiras do ponto de vista da

filosofia, da psicologia e pedagogia. Neste trabalho, a afetividade será abordada do ponto de vista pedagógico.

Segundo Wallon (1959, p. 288), a afetividade concebe uma atribuição essencial para vida social e emocional da criança, permitindo ao indivíduo expressar os seus sentimentos e emoções aos seus pares, criando-se vínculos afetivos.

Mahoney e Almeida (2007) descrevem que a afetividade se caracteriza por ser a capacidade do sujeito de ser influenciado e afetado pelo universo interno e externo, isso ocorre por meio de sensações que se tornam agradáveis ou não para ele. A afetividade na pré-escola é a fase em que a criança se descobre diferente de seus pares e dos adultos a sua volta, também conhecida como fase personalística. Considera-se que as emoções são manifestações da vida afetiva seguida das reações e sentimentos.

O vínculo afetivo na educação inclui, acreditar que as crianças conseguem se desenvolverem em pessoas autônomas capazes de mediar e resolver conflitos. Fundamenta-se que o ser humano está relacionado com a afetividade desde o nascimento. Isso posto, as emoções desempenham um papel imprescindível no seu desenvolvimento e nas futuras relações sociais.

O professor deve sempre buscar manter um relacionamento próximo com a criança, visto que, a primeira forma de atrair a atenção das crianças é o afeto. No meio de todas as formas metodológicas, a afetividade é a mais importante. Ela é o ponto de partida para uma educação de qualidade. Quando a criança se sente acolhida por seu professor cria-se interesse pelo que é aprendido, aumentando a efetivação dos processos de ensino e aprendizado.

Para Wallon (2007), a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução do desenvolvimento psíquico da criança. Por consequência a relação professor-criança, é fundamental para o processo de desenvolvimento completo da pessoa. Seguindo essa abordagem fica estabelecido que a criança é um ser emocional, que gradualmente se transforma em um ser sociocognitivo, se modificando de acordo com suas vivências externas que proporcionam o seu desenvolvimento e sua maturação.

Piaget (2014, p. 129), defende que o afeto é parte indissociável na construção da inteligência. O vínculo afetivo é responsável por despertar interesse e motivação e em sua ausência, os questionamentos e resoluções não se formulam para produzir a inteligência. Um está totalmente inerente ao outro.

Na teoria psicogenética de Wallon (1971) a criança deve ser compreendida de forma holística. Nesse contexto a afetividade está em um posicionamento central. O

desempenho do desenvolvimento infantil ocorre nas interações e seu objetivo não é apenas atender às necessidades básicas, mas a construção de novas relações sociais dominadas por emoções sociais. Portanto, a evolução emocional está completamente relacionada ao desenvolvimento cognitivo. O afeto é indispensável e essencial na construção pessoal. Quando a afetividade é estabelecida entre a criança e o professor pode ocorrer à quebra de barreiras emocionais e a quebra de barreiras psicológicas pessoais. As emoções são a prioridade na vida pessoal e são vitais para a atenção das crianças como menciona Cunha (2008). Enfatiza-se que a afetividade é um meio facilitador para o professor chegar à criança, e intermediar nos métodos de aprendizagem e nos conflitos em sala de aula.

A afetividade é primordial nas relações interpessoais no espaço escolar, dado que a emoção decorre da interação criança-professor e criança-criança. Deste modo, desenvolver a emoção tem uma influência importante no processo de ensino, pois ensinar não significa apenas difundir conhecimento, mas também é uma oportunidade de educar e aprender por meio da mensuração da experiência.

Cunha (2008) salienta que o desenvolvimento emocional vai determinar a vida da criança, pois quando está se sente respeitada será cada vez mais estimulada pelo aprendizado. A sala de aula que valoriza a afetividade, possivelmente formará sujeitos que saibam lidar com as suas emoções e conflitos, neste sentido é essencial estabelecer uma relação afetiva e respeitosa entre professor e criança.

2.4 Afetividade e os processos de ensino no TEA

A afetividade contribui de forma especial na educação inclusiva, permitindo que a criança veja seu meio como um ambiente seguro e tornando-se mais participativa e autônoma, desenvolvendo habilidades de interação e convívio. O professor posiciona-se como mediador e facilitador deste processo. É importante que esteja atento a observar a criança em sua totalidade, não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas principalmente suas emoções, expressões faciais, gestos e sentimentos, tendo empatia para compreendê-los de maneira pessoal, tornando-se um alfabetizador emocional.

Essa pedagogia afetiva visa mudar a qualidade da educação e do processo de ensino para alcançar uma sociedade mais fraterna (CUNHA, 2008). A afetividade vem sendo defendida como determinante na práxis de ensinar. É significativo olhar a criança

de maneira global e compreender que a afetividade está ligada a condição humana, gerando reações no contexto educacional e, conseguinte no desenvolvimento da criança com TEA. Para Freire (1985), “a leitura de mundo precede a leitura de palavra”. Sendo assim, o processo de aprendizado da criança atípica deve ser voltado para seu desenvolvimento e autonomia.

Conhecer e estudar as características comuns as pessoas com autismo;
Definir a forma de atendimento educacional a ser ofertado, concomitantemente com a turma comum e desenvolver estratégias adequadas de atuação pedagógica em sala de aula, respondendo as necessidades educacionais especiais de crianças com autismo, as quais devem ser avaliadas sistematicamente (MENEZES, 2012, p. 53.).

No supracitado acima percebe-se que, a relação do professor é alicerce que media os parâmetros de ensino, diminuindo o desconforto e sofrimento da criança com TEA, já que este está ligado afetuosamente a sua rotina.

Para Lovaas (2003, p. 2) é essencial que o professor reconheça o autismo como um conjunto de comportamentos, que o mesmo deva conhecer e ser capaz de intervir com todo o suporte necessário para uma boa aprendizagem da criança, promovendo novos saberes e aprimoramento de habilidades já existentes.

A afetividade é muito importante na construção do diálogo entre o professor e aluno, ainda que ela não seja verbal. Essa interação proporciona uma escuta sensível. Por meio dela a criança cria laços afetivos e constrói uma confiança com seu mediador, sendo capaz de dar passos independentes em busca de sua autonomia. Para Cunha (2013, p. 100) “o afeto é científico: ao consumir o afeto, o cérebro recompensa o corpo por meio da sensação de prazer e de alegria. Ser afetivo não é ser adocicado. Ser afetivo é trabalhar com as qualidades, as emoções, os interesses e os sonhos que possuímos.” Portanto, usa-se dos estímulos emocionais para produzir ação pedagógica. Realiza-se uma análise do comportamento da criança com TEA de modo a encontrar reforçadores positivos. Podendo incluir musicalização, desenho, pintura, dança, contação de história, dentre outros.

É preciso dar atenção ao fato que as sensações e sentidos na criança com TEA podem se sobressair a racionalidade. Dessa maneira os comportamentos podem estar associados as consequências prazerosas e não a função da ação como menciona Cunha (2013, p. 28). Essa forma de sentir leva a uma reação diferente frente à realidade, que pode parecer peculiar ou estranha para as pessoas que não compreendem o transtorno.

Sendo assim, na chuva de sentimentos a criança pode não associar seu sofrimento com questões sensoriais.

Ao examinar os comportamentos estereotipados da criança com TEA, verifica-se a manifestação de seu comando afetivo, enquanto a criança corresponde aos estímulos de modo único e particular, acarretando variações nas estruturas dos elos de seu entorno e revelando novas perspectivas para lidar com a inclusão.

Destarte, é possível desenvolver a afetividade na criança com TEA. Dessa maneira, é vital estimular suas potencialidades para que ela expresse variadas categorias de emoções em seus vínculos sociais. Aproximando-as de seus pares, para que a aprendizagem seja significativa. Há uma necessidade pedagógica em se pensar no vínculo afetivo como principal aliado do professor e mais ainda da construção da criança como protagonista do seu ensino. É a demonstração de afeto e carinho ao ensinar que acende na criança a centelha do aprendizado. É essa dinâmica que modifica a qualidade nos processos de ensino da criança com TEA.

3 METODOLOGIA

Compreende-se a pesquisa como o desenvolvimento sistemático e metodológico científico utilizado como caminho para encontrar respostas para questionamentos sociais (GIL, 2008). O presente artigo, tem cunho bibliográfico e investiga em documentos científicos fundamentos que explicam e comprovem o objeto de estudo. O intuito é promover uma reflexão sobre a relevância da afetividade nos processos de ensino da criança com transtorno do espectro autista na pré-escola.

No que concerne à caracterização do estudo, apresenta-se a importância do vínculo afetivo durante os processos de ensino, fortalecendo os sentimentos de respeito, empatia, valorização e reconhecimento, favorecendo a autonomia e estimulando a confiança da criança com TEA com seu professor. Corroborando assim, a necessidade de o professor promover a equidade no ambiente escolar.

Os processos para execução do estudo incluem a delimitação do tema de investigação, objetivos propostos, produzir problema de pesquisa, explorar a literatura científica para coleta de fontes e materiais, a leitura dos documentos bibliográficos, a tomada de apontamentos, e por fim, a realização das análises a partir da literatura estudada.

Para isso, a pesquisa foi baseada em artigos, leis e livros que abordam eixos de

análises estipulados a 'priori': autismo, inclusão escolar, práticas pedagógicas e afetividade. Nesta categoria de pesquisa, todos os dados coletados são explorados com o propósito de discernir o tema. De modo que o professor consiga aplicar na prática as habilidades necessárias para entregar para a criança uma educação que vise o acolhimento e a diversidade.

Os principais autores dessa pesquisa são Lev Vygotsky, Henri Wallon, Jean Piaget, Eugênio Cunha e a Declaração de Salamanca da UNESCO. Entre outros estudiosos que criaram trabalhos que foram pertinentes ao tema. A pesquisa tem caráter qualitativo, com destaque no estudo documental e bibliográfico.

Buscando justificar a importância da escolha do tema discutido, o grupo entrou em contato com o Doutor e Mestre em educação Eugênio Cunha. O contato teve o intuito de expor a problemática sobre a importância da afetividade nos processos de ensino da criança autista na pré-escola. A comunicação aconteceu primeiramente através do Instagram e posteriormente, pelo endereço eletrônico, onde foi encaminhado o questionamento sobre o tema. Cunha foi muito atencioso e respondeu alguns dias depois do primeiro contato. Sua resposta engrandeceu a pesquisa e contribuiu profundamente para sua defesa.

Por meio da resposta encaminhada por Cunha, discutiu-se que a afetividade e o amor são indispensáveis na construção da educação das crianças neuroatípicas. A perspectiva do autor, permitiu a comprovação da necessidade do olhar humano no ambiente escolar. Nesse momento, o grupo se uniu para realizar a análise dos dados obtidos. Por conseguinte, o retorno concretizou a percepção sobre o tema, trazendo a confirmação sobre a importância de sua discussão para a educação e a inclusão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A construção do vínculo afetivo é o primeiro passo para a aprendizagem efetiva da criança com TEA. Ao longo do presente estudo procurou-se refletir sobre a importância da afetividade para o processo de ensino e aprendizagem das crianças com TEA na pré-escola.

O Doutor e Mestre em Educação Eugênio Cunha, contribuiu ricamente para a discussão desse artigo. O autor apontou de forma profunda e afetuosa sobre a importância de olhar verdadeiramente a criança com TEA e reconhecê-la. O amor move a aprendizagem e a afetividade à completa. Viabiliza-se o texto enviando por ele para

deleite. Uma obra tão linda não poderia ser guardada.

“Primeiramente, é preciso tentar conceituar o que é o afeto ou a afetividade na educação. Eu gosto de dizer que o afeto é todo instrumento pedagógico, material ou imaterial, que vai produzir no aluno a necessidade de aprender e no professor o desejo de ensinar. Piaget dizia que o afeto é a mola propulsora da educação. Vygotsky dizia que todo trabalho deve partir da emoção. Então, a afetividade é o que traz colorido ao processo de ensino e aprendizagem. É o que diferencia uma aprendizagem mecânica de uma aprendizagem significativa. A afetividade faz aprender com gosto! No campo do autismo ou de qualquer outra condição específica, o afeto precisa estar presente. É preciso que o professor conheça seu aluno, dimensões afetivas, interesses. É o primeiro passo para iniciar uma comunicação. O veio afetivo é o caminho mais eficiente para que o aluno com TEA interaja pedagogicamente. Uma vez, logo no início do meu trabalho no autismo, deparei-me com um menino de seis anos que pouco interagiu comigo, com os pais e com qualquer outra pessoa. Não notava minha presença e tentativas de estabelecer uma comunicação. Em determinado momento, após chamá-lo insistentemente, abaixei-me e olhei para ele, foi nesse momento que ele conseguiu me enxergar.

Para receber a atenção e o olhar de um aluno com TEA, o professor tem que fisicamente se abaixar, e pedagogicamente ficar na altura do seu olhar, olhá-la nos olhos, na sua estatura. Atrai-la pelo olhar. Quando o professor faz assim é possível que a criança o veja. Isto é muito significativo e deve ser usado sempre com qualquer indivíduo na educação, porque, verdadeiramente, é preciso atrair para educar. Nada atrai mais intensamente do que a afetividade, do que o amor. Na aprendizagem humana, o amor é fundamental. Gosto de dizer que quando o afeto ensina, o cérebro aprende mais.” (CUNHA, 2021, s.p)

Não há um método específico para trabalhar com autismo na sala de aula. A afetividade é primordial para a aprendizagem da criança com TEA. O afeto está inerente ao ser humano, sendo desenvolvido desde o nascimento do ser. O vínculo afetivo utilizado como recurso pedagógico supera o uso do quadro escolar, facilitando a aprendizagem e o desenvolvimento da cognição. Quando a criança com TEA se sente segura e amada, a sua aprendizagem se torna mais eficiente. Piaget (2014), defende que o afeto é parte indissociável na construção da inteligência.

Para fortalecer as habilidades da criança com TEA na pré-escola, é preciso que o professor a conheça primeiramente para começar a planejar sua prática pedagógica em cunho afetivo, mediando as intercorrências, descobrindo as necessidades de conhecimentos e atuando de maneira pertinente. Diante disso, será possível conhecer o autista e compreender como se concretiza as etapas do desenvolvimento desta criança.

O trecho do relato do professor Cunha (2021), ilustra bem sobre importância do vínculo afetivo entre professor-criança: “É preciso que o professor conheça seu aluno, dimensões afetivas, interesses. É o primeiro passo para iniciar uma comunicação. O veio afetivo é o caminho mais eficiente para que o aluno com TEA interaja pedagogicamente.” O professor deve olhar para sua criança. Reconhece-la como um ser que aprende de

forma individual e subjetiva. Essa interação é o que proporciona na criança a vontade de aprender. A criança se interessa pelas descobertas e pela exploração dos meios. Indo de encontro aos objetivos de aprendizagem dados pelo professor. Esse no que lhe concerne, acende a fagulha do ensino e se motiva através de sua criança. A cada passo juntos, uma nova conquista é alcançada.

Paulo Freire (1979, p. 15), frisou que “não há educação sem amor [...] Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar”. O afeto simboliza o vigor que motiva a criança ao aprendizado. Sendo assim, comprova-se o valor da afetividade durante o processo de ensino aprendizagem. Para Cunha (2021), “nada atrai mais intensamente do que a afetividade, do que o amor. Na aprendizagem humana, o amor é fundamental. Gosto de dizer que quando o afeto ensina, o cérebro aprende mais.” Adquirir aprendizado não é fácil. A criança precisa estar preparada para receber os estímulos de seu professor. Em torno disso, o desenvolvimento da aprendizagem deve acontecer em um ambiente instigante, movido pela afetividade. O espaço cativante constrói experiências prazerosas, assegurando o aprendizado significativo.

Após análise, salientou-se a importância do afeto nas vivências na escola. As atitudes do professor podem tanto encaminhar a criança para o sucesso, quanto levá-la para o fracasso escolar. Deve haver o questionamento sobre quem é a criança e quais “bagagens” a acompanha. A presença do veio afetivo nessa relação gera a vontade do aprender. O afeto proporciona uma educação humanizada, norteadada pela transformação e focada na solidariedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo discutir sobre a influência da afetividade nos processos de aprendizagem da criança com TEA na pré-escola. Tal como, enfatizar a necessidade desse vínculo ser a principal estratégia de intervenção nas práticas inclusivas.

Sendo assim, avalia-se que a interação entre o professor e sua criança é uma condição essencial para o desenvolvimento do trabalho pedagógico. O vínculo afetivo proporciona ao professor identificar as habilidades e dificuldades da criança neuroatípica como foco inicial. Para tanto, o maior desafio enfrentado pelos professores que trabalham com autistas é construir e evidenciar na prática estratégias que consigam atender sua criança, visto que, cada ser é único. Assim, o currículo deve ser adaptado para cada caso

específico, precisando ele ser flexível e inclusivo.

Com os dados obtidos na literatura, inicia-se uma reflexão a respeito da relevância da afetividade no TEA. Assim, busca-se que essa seja uma forma de intervenção do professor para subsidiar o ensino. Desta forma, o vínculo com a criança com TEA precisa ser construído por meio da afetividade fomentando a vontade e o interesse em aprender.

A partir dos pressupostos teóricos estudados e da análise do texto enviado por Cunha, pôde-se concluir que a afetividade contribui intensamente no processo de aprendizagem. Em primeiro instante, o autista pode não demonstrar interesse nas atividades propostas por seu professor, ou até mesmo torna-se resistente a sala de aula. O afeto desenvolvido durante as práticas no ambiente escolar propicia a interação e cultiva interesses de aprendizado nas crianças. Isso quebra barreiras sociais que possibilitam as trocas entre pares e a aprendizagem significativa.

O autista aprende. Para tanto, seu ritmo de aprendizado deve ser respeitado. O processo de associação da criança com TEA difere da criança neurotípica. A afetividade é o que possibilita ao professor ter o olhar crítico necessário para essa percepção. À vista disso, a educação inclusiva refere-se, além dos recursos pedagógicos, as qualidades humanas, a capacidade do ser de trabalhar com as emoções e sentimentos. (CUNHA, 2014. p. 100)

Diante dos resultados alcançados, analisa-se que a inclusão é um tema amplamente discutido na área educacional, e falar sobre isso, é fundamental para criar possibilidades diferentes nas formas de educação no ambiente escolar. Existem desafios ao trabalhar com o TEA, visto que, cada criança é única e apresenta um diagnóstico diferente. Aos professores cabe a missão de pesquisar, estudar e criar possibilidades e estratégias para atingir as crianças neuroatípicas. O primeiro passo, é reconhecer que o laudo médico não é um atestado de incapacidade ou mesmo o vilão nos processos de ensino, ele é o principal aliado, e contribui diretamente na caminhada da educação.

Trabalhar sob a perspectiva inclusiva é desafiador. É fundamental ter amor, empatia e paciência. Consequentemente, sem afetividade não há inclusão. O novo olhar para inclusão, permite que a criança com TEA tenha seu espaço de educação preservado, e todo o apoio necessário para seu desenvolvimento integral.

Recentemente, a Academia do Autismo postou em seu Instagram a frase “não conseguir falar, não significa não ter o que dizer”, ou seja, sem a afetividade é impossível a conexão e a comunicação. É fundamental conhecer seu aluno para se comunicar com ele, entendendo suas singularidades e restrições. Construir um vínculo afetivo é essencial

para prática inclusiva.

Deixa-se como sugestão, novas pesquisas que busquem aprofundar-se para a problemática apresentada. Durante as buscas bibliográficas o maior desafio para a elaboração da pesquisa foi encontrar estudos que abarcassem o tema específico desse artigo. O acervo teórico veio de experiências vividas por professores em suas práticas docentes. Contudo, tal pesquisa será de grande relevância para a efetivação da inclusão escolar e a valorização das práxis pedagógicas dos professores.

6 REFERÊNCIAS

AMARAL, L. Sobre crocodilos e avestruzes: **falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação**. In: AQUINO, J. Diferenças e preconceitos na sala de aula. São Paulo: Ed. Summus, 1998. p. 11-29.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BOSA, C. A. **Autismo: intervenções psicoeducacionais**. Revista Brasileira de Psiquiatria, 28, 47-53. 2006.

BRASIL. Governo do Brasil. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 12.796/13** Disponível em: <https://abre.ai/bPnX> Acesso: 13 de out de 2020 às 19h

_____. Governo do Brasil. Presidência da República. Casa Civil. **Lei Nº 13.146**, de 06 de julho de 2015. Disponível em <https://abre.ai/bPnW> Acesso: 13 de out de 2020 às 19:15h

_____. Governo do Brasil. Presidência da República. Casa Civil. **Lei Nº 10.502**, de 30 de setembro de 2020. Disponível em <https://abre.ai/bPnW> Acesso: 20 de jan de 2021 às 09:50h

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 1994. Disponível em: encurtador.com.br/jsvCZ Acesso: 16 mar de 2021 às 9:55h.

CDC. Centers for Disease Control and Prevention. **Prevalência de Transtorno do Espectro do Autismo entre Crianças de 8 anos** - Rede de Monitoramento de Deficiências de Desenvolvimento e Autismo, 11 Sites, Estados Unidos, 2016. Disponível em: encurtador.com.br/gkKS3. Acesso: 02 de mai de 2021 às 19:33.

CUNHA, E. **Autismo e Inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

_____. **Autismo na escola**: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

_____. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família.** 5ª ed. RJ: Wak Ed., 2014.

_____. **Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade na prática pedagógica.** Petrópolis, RJ: Wak 2008.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler.** InCol. Polêmicas do Nosso tempo, Editora Cortez, São Paulo, 1985.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6 ed. São Paulo: Atlas 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar**, 2020. Brasília: MEC, 2011. Disponível em: encurtador.com.br/vMSU7. Acesso em 05 de mar de 2021

KANNER, L. **Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo.** 1943. Disponível em: <http://www.profala.com/artautismo11.htm>

LOVAAS, O. **Ensinando Indivíduos com atrasos de desenvolvimento: técnicas básicas de intervenção.** PRO-ED, Inc. 8700 Shoal Creek Boulevard. Austin, Texas, 2003.

MAHONEY, A.A. RAMALHO, L.A. **Afetividade e aprendizagem: Contribuições de Henri Wallon.** Edições Loyola. São Paulo, SP, 2007.

MENEZES, A. R. S. de. **Inclusão escolar de crianças com autismo: quem ensina e quem aprende?** 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MINAS GERAIS. **Currículo Referência de Minas Gerais.** Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais - SEE/MG, 2018.

PIAGET, J. **Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança.** Tradução e organização: Cláudio J. P. Saltini e Doralice B. Cavenaghi. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

SASSAKI, R.K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos.** 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

UNESCO – Organização das nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura / Ministério da Educação e Ciência da Espanha / Coordenadoria nacional para Integração da pessoa portadora de deficiência. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** Brasília, 1994

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **As Origens do Caráter na Criança.** São Paulo: Difusão Européia do Livro,

1971.

_____. **Do ato ao pensamento**. Lisboa: Moraes Editores, 1959.